

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A pesquisa como um elemento constitutivo do fazer-se professor (a) de história

Elison Antonio Paim*

Resumo

Esta comunicação expressa elementos parciais da tese de doutorado, “Memórias e Experiências do Fazer-se Professor (a) de História”. Busquei respostas para o seguinte problema: Como os alunos egressos, do Curso de História da UNOESC - Chapecó nos anos de 1998 e 1999, avaliam as experiências vivenciadas na passagem de acadêmicos para profissionais? O principal instrumento de coleta de informações foi através de depoimentos orais, gravados. No diálogo com os professores foi possível captar elementos que vão além da idéia de formar professores, que há um fazer-se professor e este acontece de forma relacional.

Palavras-chave: Fazer-se Professor(a) de História; Memória; Experiência

Abstract

This communication express partial of the doctorate's thesis: “Memories and experiences making of history teacher”. I found answers to this problem: how the students that leave the history course of UNOESC-Chapecó in the years of 1998 and 1999, analyse the experiences in the change of academics to professionals? The main information collector instrument was recorder oral depoiments. In the dialog with the teachers was possible to realize elements that trepass the idea of graduate teachers, that existis making of history teacher and this one happens in a relational way.

Key-words: Making of history teacher; Memories; Experiences

A formação de professores, nos seus diferentes matizes, quer racionalistas, positivistas, liberais, cientificistas ou, mais recentemente, tecnicistas, durante longo tempo esteve - e está – associada às necessidades prevalecentes da modernidade capitalista. Salvo pequenas variações, os professores deveriam e devem ser instrumentos de transmissão de conteúdos, não precisariam/precisam ser pesquisadores ou produtores de conhecimentos. Não eram – e não são - considerados seus sentimentos, valores, sua vida. Bastava – e basta - que aprendessem a transmitir conteúdos assépticos, neutros, imparciais.

Esta perspectiva é duplamente preconceituosa. Inicialmente, porque pensa em formação como possível apenas no momento em que os futuros professores realizam seus cursos de Graduação - não consideram a formação como processual e contínua; em segundo lugar, nas formas de olhar sobre e para os professores procuram deter-se naquilo que falta ao professor da escola: didática, conteúdo, conhecimentos, domínio de classe, apropriar-se de novas produções acadêmicas, parar de reproduzir conteúdos prontos... Enfim, os professores

*Mestre em História pela PUC-SP; Doutor em Educação pela UNICAMP; Professor de Metodologia do Ensino de História da UNOCHAPECÓ; Coordenador do Centro de memória do Oeste de Santa Catarina –CEOM. elisonpaim@hotmail.com

são dotados de não saberes.

Benjamin abordou a questão da autoria, possibilita-nos pensar que é possível rompimento com a hierarquia entre os saberes e os não saberes, entre os autores e não autores, pois para ele:

Somente a superação daquelas esferas compartimentalizadas de competência no processo de produção intelectual, que a concepção burguesa considera fundamentais, transforma essa produção em algo de politicamente válido; além disso, as barreiras de competência entre as duas forças produtivas – a material e a intelectual – erigidas para separá-las, precisam ser derrubadas conjuntamente (1994:129).

Ao mesmo tempo numa perspectiva de ruptura em relação à estrutura vigente, algumas Universidades internacionais e brasileiras, sobretudo, no Brasil a partir da década de 1980 têm defendido e implementado em seus cursos, disciplinas voltadas para a pesquisa. Passaram, assim, a formar um outro professor, que foi recebendo diferentes adjetivações: professor pesquisador (ZEICHNER, 2002), professor reflexivo (SCHÖN, 2000), professor intelectual (GIROUX, 1997), professor autônomo (FREIRE, 2000; CONTRERAS, 2002). Com todas as especificidades que o uso de cada uma dessas categorias implica, foram buscando mudanças, procurando dar ao professor o direito de “dizer a própria palavra, cunhar nela sua marca pessoal e marcar-se a si e aos outros pela palavra dita, gritada, sonhada, grafada... Ser autor significa resgatar a possibilidade de ‘ser humano’, de agir coletivamente pelo que caracteriza e distingue os homens... Ser autor significa produzir com e para o outro” (KRAMER, 2002:83).

Dentre as universidades que buscaram outras possibilidades na formação de professores, destaco a experiência que vivi como professor no curso de Licenciatura em História da UNOESC/ UNOCHAPECÓ. O qual foi criado em 1989, estruturado procurando conciliar as disciplinas de conteúdo, com as de pesquisa e o ensino, objetivando formar o professor-pesquisador. Esta experiência de desenvolver pesquisa em um curso de Licenciatura é um diferencial que dá uma qualificação ao curso e aos profissionais dele originários.

Neste sentido, amplia-se a visão de produção de conhecimento fazendo conexões com a formação mais ampla de forma relacional. Assim, rompe-se com a dicotomia entre Cursos de Bacharelado – formadores de pesquisadores – e, Cursos de Licenciaturas para formar professores - esta dicotomização evidencia-se nas atuais propostas governamentais para a formação de professores. O que segundo Galzerani:

Tal argumentação, se bem analisada, pode revelar a construção de um clichê, de um estereótipo, de uma intolerância. De uma doença historicamente instituída! Clichê este produzido no interior das guerras de poder contemporâneas, situadas em grande parte das universidades brasileiras, o qual acaba por incorrer em práticas destrutivas em relação ao 'outro', ao diferente, no caso, à Licenciatura. Como se o domínio do campo da pesquisa fosse um atributo exclusivo da área do Bacharelado (História) e à Licenciatura (situada, muitas vezes, nas Faculdades de Educação) coubesse somente a sua 'aplicação', i.é, o ensino (sic!). Ou seja, a colocação em prática de tal esteriótipo, reproduz a tendência da racionalidade instrumental, aquela que hierarquiza os saberes, afirmando alguns e desqualificando outros! (2005:164).

Para fugir do que geralmente se faz, ao pesquisar o tema formação de professores, em que os pesquisadores falam para ou sobre o professor, pretendo quebrar com esta perspectiva, fazendo com que os professores-depoentes deixem de ser apenas objetos de pesquisa e se coloquem como sujeitos, na inteireza do seu fazer-se.

Ao invés de trazer pesquisadores acadêmicos, para que, mais uma vez, falem “sobre” a importância, as contribuições, ou o papel da pesquisa na formação do professor, fiz a opção de trazer a voz¹ de alguns professores ex-alunos companheiros de diálogo, para que expressem como a pesquisa contribuiu e contribui para sua formação.

Fui tecendo o texto através do diálogo entre o meu olhar e o dos professores depoentes, pautando-me nos seguintes momentos: no do desenvolvimento da pesquisa e, posteriormente, durante os depoimentos.

Após a apresentação das pesquisas, retomei o diálogo realizado durante a gravação dos depoimentos, procurando visibilizar como os professores depoentes perceberam a pesquisa na Graduação e nas atividades escolares cotidianas.

A professora Dirce, juntamente com a colega Sandra, ao desenvolverem a pesquisa “Kaingang: história e memória”, na apresentação evidenciam que:

A História do Oeste Catarinense é marcada pelo processo de colonização que vem confrontar índios, caboclos e brancos na disputa pela terra. (...) queremos enfatizar os Kaingang que hoje vivem em pequenos grupos nas favelas ou mesmo em pequenos Toldos, espoliados e discriminados pelos brancos – consequência deste processo - onde buscam sua sobrevivência em pequenas roças dentro dos próprios Toldos, ou nas ruas das cidades vendendo artesanatos, seus adornos como: arcos, flechas, anéis, pulseiras e suas cestarias. (...) E, para perceber estas práticas e o porquê do retorno ao antigo local fomos em busca de fontes escritas que pudessem nos oferecer informações, como: jornais da região, manuscritos do período da colonização, livretos produzidos na própria universidade, como cadernos do CEOM, livretos do CIMI, e outros trabalhos de pesquisa produzidos

¹ - Não estou com isso pretendendo fazer o que se denominou “dar voz ao professor”, pois parto do princípio que os professores das escolas sempre tiveram voz, porém, durante muito tempo não foram e não são ouvidos por setores acadêmicos que trabalham na perspectiva de falar sobre ou para os professores.

pelos turmas de acadêmicos anteriores, além de livros teóricos de autores que trabalham com a história sócio-cultural e memória (...) E a memória neste caso, tem sido um dos nossos principais objetos de estudo, pois encontramos várias dificuldades, no que se refere, aos registros e fontes escritas, por serem recentes e se referirem estes em sua maioria à história de luta e reconquista da terra. Apenas alguns autores se utilizam elementos que possam dar visibilidade à história sócio-cultural kaingang. Outra dificuldade vem a ser que as referências bibliográficas além de escassas trazem no seu teor uma leitura “branca”, sendo que estes grupos não têm registros próprios por descenderem de um povo sem escrita. (...) Ainda se faz necessário ressaltar que nos primeiros contatos com estes grupos enfrentamos uma certa resistência para fazer as entrevistas. As questões feitas por nós, anterior a resposta, murmuravam em seu idioma primeiramente com o cacique, para depois responder. Então percebemos que nem tudo pode ser revelado. (...) no primeiro capítulo desta pesquisa iremos abordar a relação da terra com o Kaingang, (...) No segundo capítulo apresentaremos as práticas culturais, aquelas que hereditariamente permanecem devido aos laços da memória, e continuam inseridas em seus costumes, não apenas como práticas do cotidiano, mas como forma de resistência e sobrevivência, tentando perpetuar seus valores (...).

A professora Dirce em seu depoimento apontou-nos diferentes contribuições profissionais relativas à pesquisa, inclusive, como a pesquisa trouxe subsídios para que as demais professoras da Escola onde atua, entendessem aspectos da cultura do grupo indígena Kaingang, com a qual trabalhou. Vejamos como ela analisa a experiência de pesquisa que realizou:

Eu tenho usado muito minha pesquisa. Demais até. Eu acho que eu usei muito... Muito... Muito. A princípio eu usei no estágio. Depois, quando eu comecei a trabalhar a História de Santa Catarina, foi muito utilizada. Até pela questão cultural e tal, e os alunos têm muita curiosidade em saber como é a cultura desses índios hoje. (...) Então, até, pela questão de memória, a importância que a memória tem, não só para os índios. Eu consegui extrapolar, ir além da questão. Qual a importância dessa memória para a população? A reelaboração também eu fui utilizar lá do meu TCC, mas eu pude utilizar a reelaboração em outros momentos. Não só dos índios, mas a reelaboração também do europeu, a reelaboração desses próprios alunos. Por que hoje, eles não falam mais o alemão, o italiano, que seus pais trouxeram, que seus avós trouxeram. Por que eles não praticam mais algumas coisas que os pais tinham e, eles já não fazem mais. (...) Nas quintas séries também eu utilizei muito, porque aí você trabalha a História do Brasil, a colonização, a expropriação das terras, trabalha muito a questão indígena (...) Textos que eu utilizei no momento do estágio, que eu guardei. Eu consegui utilizar esses textos novamente. Cursos, na própria Escola até foi dado um momento para dar palestras para os professores, me chamaram para trabalhar o meu TCC com o grupo de professores de 1ª a 4ª série e de 5ª a 8ª. Fui muito questionada, foi muito polemizado, houve várias situações que os professores colocaram, então, foi um outro momento que utilizei. E, constantemente estou mexendo nele, estou revendo.

A professora Juscemara em seu Trabalho de Conclusão de Curso “Um Conflito Interétnico: Caboclos e Italianos em Coronel Freitas”, foi buscar suas origens étnicas, através da pesquisa relativa ao município onde viveu até recentemente. Na pesquisa procurou investigar:

Qual foi o contexto histórico da ocupação do município de Coronel Freitas? (...) Objetivamos principalmente compreender o processo histórico que levou à expropriação ou exclusão dos luso-brasileiros em Coronel Freitas. (...) Propomos a pensar nesta pesquisa sobre como ocorreu a colonização do município de Coronel Freitas. Quais caminhos sinuosos percorreram os desbravadores? Quem foram eles? A que grupo étnico pertenciam? Quais os objetivos que os levavam a enfrentar tantas dificuldades? O que os impulsionava? Além de outras análises que nos levam a uma profunda reflexão sobre o tema. (...) Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa histórica de cunho qualitativo, que poderemos enquadrar nas perspectivas atuais dos conflitos interétnicos, delimitando para caboclos e italianos. (...) partimos da pesquisa bibliográfica, fomos em seguida para a pesquisa documental e, para melhor investigação do município de Coronel Freitas, (...) entrevistamos doze pessoas na faixa etária de 60 a 90 anos, entre estes entrevistados temos sete italianos e cinco luso-brasileiros. Cabe aqui ressaltar as dificuldades que tivemos para realizar esta pesquisa. Dificuldades essas que vão desde as condições financeiras, até as distâncias entre as duas acadêmicas (35 km) e a disponibilidade de tempo, que, aliás, é muito pouco tendo em vista que nós duas trabalhamos três turnos (matutino, vespertino e noturno). (...) Para melhor localizarmos cronologicamente o período desta ocupação, a pesquisa vai de 1925 a 1950. Ou seja, a partir da vinda aproximada dos primeiros caboclos à região e 1950, ano em que os espaços e as regras de convivência já se tinham definido. O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro abordamos a questão dos limites do município, fazendo um mapeamento da extensão do mesmo. Temos também nesse capítulo algumas considerações mais gerais sobre a colonização do Oeste de Santa Catarina e, por extensão, o município de Coronel Freitas com um breve histórico sócio-econômico do mesmo. No segundo capítulo damos ênfase à vida e aos costumes dos caboclos. (...) No terceiro capítulo, buscamos analisar como se configuraram o processo de colonização a partir dos italianos, sua vida, costumes e dificuldades. Faremos uma reflexão crítica sobre a compra de terras pelos italianos, assim como da Colonizadora Bertaso, que teria efetuado a demarcação e a venda dessas terras (...).

A pesquisa das professoras possibilitou a identificação da origem de muitas das angústias vivenciadas por alunos seus que são filhos ou netos de pessoas que foram sujeitos de sua pesquisa. A professora nos falou das contribuições desta pesquisa para seu trabalho, como professora de História:

A minha pesquisa me ajudou bastante, porque, eu tive um entendimento de que, essas diferenças de costume, de cultura é que fazem com que os dois, por exemplo, o italiano e o caboclo eles não se entendam. Na minha pesquisa sobre o caboclo e o italiano, eu fiz entrevistas com caboclos que me colocaram o seguinte: 'hoje o caboclo na sociedade, ele se vê pra viver'. Foi assim que me colocaram, 'se vendo pra viver'. Para sobreviver hoje no meio dos europeus. Teve caboclo que me colocou isso. Então, eu aprendi muito com essa pesquisa. E hoje os textos que eu trabalho dessa pesquisa, eu trabalho na História Regional com os alunos, primeiro eu coloco para eles: vão, entrevistem um caboclo, entrevistem seus próprios pais que são italianos e perguntem para eles como eles viam o caboclo na época que eles chegaram aqui. Então, perguntem para os pais como eles viam o caboclo e como eles vêem o caboclo hoje. Então, isso ajuda muito o aluno trazer para sala de aula depoimento de pais colocando para nós a realidade mesmo. A afirmação dos fatos, que a gente tirou dessa pesquisa, através dessas entrevistas. (...) Contribuiu também no sentido que eu trabalho muito, assim, no começo eu digo para eles trazerem as suas certidões de nascimento, de casamento para ver quem foram seus avós. Como eles percebem que os seus avós eram da Silva, ou eram Ribeiro. Com esses sobrenomes eles começam a se perguntar: -Então, porque que o meu pai é Matielo, Martineli ou Marteli. Então, sumiu o bisavô ou meu avô era da Silva é a questão que se discute muito em sala de aula, a gente até faz aqueles

provérbios que eles colocam lá: ‘o meu pai diz, assim, professora, de um caboclo: o negro quando ele está indo devagarinho, ele é vadio. Quando está correndo é porque está correndo da polícia’. Então, eles começam a brigar, a se questionar se o próprio bisavô deles tinha o sobrenome de caboclo, ou de índio. Eu acho que mexe um pouquinho com as raízes, eles se identificam ali mesmo, nessas investigações.

Ao trabalhar numa perspectiva que considere os professores como sujeitos do processo de seu fazer-se - o que bem evidenciaram as falas de meus companheiros de caminhada - estaremos possibilitando aos professores que retomem novamente em suas mãos parte significativa de seu fazer. Este retomar do fazer, em suas mãos, evidenciou-se em vários momentos das falas de nossos depoentes, especialmente quando foram apontadas experiências nas quais assumiram o papel de autores, rompendo, assim, com as imposições das culturas escolares, impregnadas no modo de fazer educação.

A perspectiva de trabalhar com a dimensão do fazer-se professor, possibilitou-me perceber como é possível ir além do ensinar História, produzindo conhecimentos e integrando outros sujeitos ao processo educacional, tais como pais, avós e uma comunidade mais ampla. Comunidade esta que mesmo sem envolvimento direto com as Escolas, com as crianças ou jovens em idade escolar participam, contribuem ao irem até as Escolas ou assistirem atividades desenvolvidas a partir das aulas de História como apresentaram os professores depoentes ao narrarem suas experiências registraram também a interação com estes outros sujeitos, na produção dos saberes históricos escolares.

Para concluir, sem encerrar as discussões neste item, trouxe algumas evidências que me acompanham há algum tempo e que as vejo reforçadas com a leitura de Kincheloe, quando nos diz que “Com a desqualificação dos professores, estes perderam cada vez mais autonomia. Eles acabaram se acostumando com a perda de autonomia e passaram a afirmar que eram incapazes de autodireção” (1997:18). Numa perspectiva contrária a essa ao pensar a partir da pesquisa historiográfica e/ou educacional, enfatizo que tal experiência possibilita: “conferir ao professor um poderoso veículo para o exercício de uma atividade criativa e crítica, ao mesmo tempo questionando e propondo soluções para os problemas vindos do interior da escola e de fora dela” (LÜDKE, 2003).

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (obras escolhidas vol. 1).
- CONTRERAS, J. **A Autonomia de Professores**. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 14ª ed, 2000.
- GALZERANI, Maria C. B. Políticas Públicas e Ensino de História. In: NETO, José M. A. (Org.). **VI Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História**. Londrina: AtritoArt, 2005, p.157-167.
- GIROUX, H. A. **Os Professores Como Intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: ARTMED, 1997.
- KRAMER, S. **Por Entre as Pedras**: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 3ª ed, 2002.
- KINCHELOE, J. L. **A Formação do Professor Como Compromisso Político**: mapeando o pós-moderno. Porto Alegre: ARTMED, 1997.
- LÜDKE, M. (Coord.). **O Professor e a Pesquisa**. Campinas: Papirus, 2ª ed, 2003.
- SCHÖN, D. A. Educando **O Profissional Reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- ZEICHNER, K. M.; PEREIRA, J. E. D. (Orgs.). **A Pesquisa Na Formação e No Trabalho Docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.